

## Sobre continuidades e descontinuidades na cultura Hip-Hop: o caso de Moçambique. Entrevista com Simba Sítoi, artista de Hip-Hop moçambicano

William de Goes Ribeiro<sup>1</sup>

Laís Volpe Martins<sup>2</sup>

Nelson/Simba Sítoi<sup>3</sup>

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i28.67367>

**Resumo:** Este texto expõe uma entrevista remota, transcrita e editada, com Simba Sítoi (artista de Hip-Hop em Moçambique), realizada em 20 de junho de 2024. Trata-se de um dos artistas mais influentes de Moçambique, atuante na cultura Hip-Hop, como rapper e produtor cultural. É idealizador de importantes eventos ligados ao tema, o que inclui o protagonismo do jovem artista no Festival de Hip-Hop "Amor A Camisola". Neste trabalho, Simba explicita elementos e questões pertinentes para o estudo na área, os quais apontam para o curso de continuidades e de descontinuidades de uma cultura globalizada, negociada e ressignificada localmente. Ajuda-nos, portanto, o que justifica a inclusão da entrevista neste dossiê, a reforçar o nosso argumento em torno do processo complexo e dinâmico da referida cultura.

**Palavras-chave:** Hip-Hop; Moçambique; Entrevista.

### On continuities and discontinuities in Hip-Hop culture: the case of Mozambique. Interview with Simba Sítoi, Mozambican Hip-Hop artist

**Abstract:** This text presents a remote interview, transcribed and edited, with Simba Sítoi (Hip-Hop artist in Moçambique), conducted on June 20, 2024. It is about two of the most influential artists from Moçambique, active in Hip-Hop culture, as a rapper and cultural producer. He is the idealizer of important events linked to the topic, or that include the young artist's prominence in the "Amor A Camisola" Hip-Hop Festival. In its work, Simba explains elements and questions pertinent to the study of the area, the quais apontam for the course of continuities and discontinuities of a globalized culture, negotiated and locally re-signified. Help us, therefore, which justifies even the interview in this dossiê, to reinforce our argument around the complex and dynamic process of the aforementioned culture.

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto na Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando nos cursos de graduação em Pedagogia e Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT/UFF). E-mail: williamgribeiro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3940-7492>.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (PPCULT/UFF). Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ. E-mail: laisvolpemartins@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9007-4354>.

<sup>3</sup> Artista de Hip-Hop em Moçambique. E-mail: simbasittoi@gmail.com.

Recebido em 15/03/2025, aceito para publicação em 28/04/2025.

**Keywords:** Hip-Hop; Mozambique; Interview.

### **Sobre continuidades y discontinuidades en la cultura Hip-Hop: el caso de Mozambique. Entrevista con Simba Sítói, artista de hip-hop mozambiqueño**

**Resumen:** Este texto expone una entrevista remota, transcrita y editada, con Simba Sítói (artista de Hip-Hop en Mozambique), realizada el 20 de junio de 2024. Es uno de los artistas más influyentes de Mozambique, activo en la cultura Hip-Hop, como rapero y productor cultural. Es creador de importantes eventos relacionados con esta temática, entre los que se incluye el protagonismo del joven artista en el Festival de Hip-Hop "Amor A Camisola". En esta obra, Simba explica elementos y cuestiones pertinentes al estudio del área, que señalan el curso de continuidades y discontinuidades de una cultura globalizada, negociada y resignificada localmente. Por tanto, lo que justifica la inclusión de la entrevista en este dossier nos ayuda a reforzar nuestro argumento en torno al complejo y dinámico proceso de dicha cultura.

**Palabras clave:** Hip-Hop; Mozambique; Entrevista.

### **Sobre continuidades e discontinuidades na cultura Hip-Hop: o caso de Moçambique. Entrevista com Simba Sítói, artista de Hip-Hop moçambicano**

#### **Introdução**

Figura 1 – Imagem de Simba Sítói



Fonte: portfólio do artista

De acordo com o portfólio profissional, disponibilizado pelo artista, Simba Sítói é a marca comercial e nome artístico de um músico que se expressa, maioritariamente, através dos gêneros musicais Hip-Hop e Rap/Soul<sup>4</sup>. No entanto, o artista faz questão de se integrar em vários estilos musicais: do clássico ao contemporâneo, do analógico ao eletrônico (considerando o contexto de produção da obra). Explora uma cultura

<sup>4</sup> Julgamos que não cabe neste texto tecermos análises críticas de suas obras e discussões teóricas de fundo. A introdução visa apenas apresentar o entrevistado (que é pouco conhecido no Brasil). Para aprofundar o discurso mobilizado pelas suas canções e visualidades, outro trabalho se faz necessário. A escolha pelo específico artista se deu pelas nuances que a entrevista aponta e que, certamente, demandam aprofundamentos e estudos, incluindo o contexto e as negociações postas em jogo.

visual, lúdica e assertiva, que emprega nas suas visualidades um fator relevante para a sua expressão criativa, delicadamente transportada dos versos e rimas para vídeos e animações, buscando uma forma sempre inovadora e irreverente.

Nelson Sitói, proprietário da marca "Simba Sitói", para além de músico, se considera um ativista social e empreendedor cultural, apresentando-se com uma vasta experiência em projeção de marcas e promoção de eventos. A seguir, destacamos apenas alguns de seus trabalhos musicais: *Hands Up - Atuação ao Vivo em São Paulo (Brasil)*<sup>5</sup>; *Hands Up - Lançamento do Single (MTV Showcase)*<sup>6</sup>; *Kick It Chuta* com a participação de Milton Gulli<sup>7</sup>; *Scenario* com a participação de Milton Gulli e Zubz<sup>8</sup>; *Last Hope* com a participação de Mota<sup>9</sup>; *Daddy never*

*came with Flowers* com a participação de The Rocats<sup>10</sup> e *Lovely day* com a participação de The Rocats<sup>11</sup>.

Simba Sítói é um dos pioneiros do Hip-Hop em Moçambique. Destacamos que foi o primeiro rapper moçambicano a assinar com a BBE, uma *record label* britânica de renome internacional. Além disso, Simba criou a primeira banda moçambicana de Hip-Hop ao vivo, denominada *Simba and the Rocats*; foi o primeiro artista moçambicano a ter um *outdoor* de divulgação do seu trabalho; o primeiro e único moçambicano a ser convidado a participar de um dos maiores festivais de Hip-Hop: A3C Festival (uma espécie de plataforma de lançamento de novos artistas do gênero).

O seu single *Party People* conquistou o primeiro lugar no top 10 da MTN Sul-Africana, como música com maior número de downloads daquela

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-vAYj5hy5\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=-vAYj5hy5_w)>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R8RGkWOTSPs&t=218s>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RuzVb7riJTc&t=205s>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=5yH5yBG\\_qMU](https://www.youtube.com/watch?v=5yH5yBG_qMU)>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IIDzWcR22fM>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KPy12p-FcSU>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s0YogHOt86k>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

telefonia móvel em 2010. Mesmo se passando mais de 10 anos desde o seu lançamento, o vídeo da sua música *Lovely Day*, produzido por DJ Marcel, continua a ser, segundo informa o artista, o mais caro da história do Hip-Hop moçambicano. Simba já atuou ao lado de diversos outros artistas, como o músico e compositor camaronês Manu Dibango. Por meio de sua rede profissional, foi escolhido para abrir o show do rapper e ator estadunidense Mos Def em Johannesburg, no seu primeiro *tour* em África. Destacamos ainda: primeiro artista moçambicano de Hip-Hop nomeado para um dos maiores *awards* de África em duas categorias, a competir com artistas de renome internacional como D'Banj (cantor nigeriano), Hip Hop Pantsula/HHP (rapper sul-africano) e 2Face (cantor nigeriano).

Considerando o exposto, o percurso artístico de Simba Sitói atingiu patamares amplos, tendo se consagrado como um dos artistas de Hip-Hop mais internacionalizados do continente africano. O seu trabalho concedeu-lhe acesso, ampliando quadrantes criativos, a nível

internacional, tendo construído relações de bastante proximidade com o Hip-Hop. Simba Sitói já se encontrou em Nova Iorque com o legendário "pai do Hip Hop", DJ Kool Herc, além de Mos Def (rapper de renome internacional) e executivos da *Def Jam*.

*Cloud Walker* é o nome da terceira obra discográfica de Simba Sitói, lançado em 25 de março de 2022. Segundo o artista, trata-se de um álbum motivacional, cujo foco é inspirar pessoas de todas as idades e segmentos sociais a não desistirem dos seus sonhos e a seguirem o seu propósito. O objetivo é partilhar a visão de que a vontade de fazer algo acontecer transgride o conceito de impossível, a despeito dos enfrentamentos e desafios<sup>12</sup>. O álbum foi produzido pelo DJ Kenzhero Origimoz, co-produzido por Simba Sitói e conta com a colaboração de artistas de renome internacional, nomeadamente: Stogie T (rapper sul-africano), FIFI Cooper (rapper sul-africana), Sky Wanda (artista sul-africana), Proverb (rapper sul-africano), HHP entre outros.

<sup>12</sup> Novamente, frisamos que o conteúdo da introdução é apenas informativo.

Finalizando esta introdução, destacamos alguns dos trabalhos publicitários de Simba: Primeira Publicidade Pré-Pago Giro (1999)<sup>13</sup>; Campanha *Vodacom Edjô* (2011)<sup>14</sup>; Campanha *Jeito* (2012)<sup>15</sup> e Campanha *Mcel Boneco Shioleca* (2018)<sup>16</sup>, além do Outdoor Publicitário da Marca *Xipixi* (2018), do Outdoor do single *Hands Up* (2019) e do *Rise - Together 4 Mozambique - Ciclone IDAI* (2019)<sup>17</sup>. Considerando o exposto, tendo observado o dinamismo e a vasta contribuição de Simba Sítói para a cultura Hip-Hop, nacional e internacionalmente, seguimos com a nossa entrevista.

**Simba Sítói** - Posso me apresentar? Dizer agora que eu estou a fazer esta conversa convosco. Estou no carro. Estou à espera de entrar num encontro que vai começar daqui a uns 40 minutos. Então, estou no meio da estrada. Meu nome é Simba Sítói. Esse

é o nome artístico. Sou artista de Hip-Hop. Sou também parte dos pioneiros do Hip-Hop aqui em Moçambique. Sou promotor de eventos, tenho um festival. E agora vamos começar com um programa de rádio. Também vamos fazer uma coisa em televisão. Então, sou essas coisas todas. Resumindo assim: fui pioneiro do movimento aqui, um dos pioneiros aqui do movimento Hip-Hop.

**William Ribeiro** - E como se deu o processo?

**Simba Sítói** - Hip-Hop em Moçambique começa mesmo nos anos 1990. Não começou nos anos 1980. O movimento em si começa nos anos 1990. No princípio dos anos 1990. A nossa introdução com o movimento Hip-Hop foi ainda na televisão experimental de Moçambique. Chamava-se... TVE. Então é aí onde havia um programa de televisão chamado *Espaço Aberto*.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eU8hFcLiLnA>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>14</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=zO\\_6No\\_X7jQ](https://www.youtube.com/watch?v=zO_6No_X7jQ)>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kfClrLg0LFs>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-dGsiywtpEk>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W4vwiPwtAw>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

Onde passavam músicas estrangeiras. É importante mencionar que nós somos de um país que começou socialista, comunista<sup>18</sup>. E naquela altura nós só podíamos ouvir música estrangeira aos domingos. Música estrangeira que nós podíamos ouvir e ouvíamos frequentemente era música portuguesa, música brasileira. E alguns discos americanos. Quando cai o mundo de Berlim, há um novo começo. Muita coisa começa a ser consumida. Muita coisa que nós não consumíamos, começamos a consumir. Inclusive, é assim, como mais tarde entra o Hip-Hop em Moçambique. Obrigado.

**William Ribeiro** - Obrigado pela apresentação. É muito pertinente visualizar o contexto da entrada do Hip-Hop em Moçambique. Meu nome é William. Eu estou coordenador de um Programa de Pós-graduação aqui na Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro. Foi aí que eu conheci a Laís Volpe, porque ela é estudante do programa. Estou na universidade também como professor, trabalhando com educação. Mas a

minha trajetória na época da escola, que eu passei pela escola aqui no Brasil, foi com o movimento Hip-Hop, no subúrbio do Rio de Janeiro. Aqui no Brasil foi uma explosão também, eu acho, pela divulgação, pela mídia, meios de comunicação, nos anos 1990, principalmente. Anos 1990, anos 2000. E aí passei a fazer parte do movimento pela dança, porque eu pratico a dança desde garoto. Foi a minha entrada. E eu tenho muito interesse na cultura, emerge nos meus estudos e de amigos, parceiros que eu tenho até hoje, procurando entender o Hip-Hop. Então, conhecer você é uma grande felicidade, porque dá uma possibilidade de entender essa entrada do Hip-Hop em Moçambique, construir uma rede com o Brasil, um laço para pensar algumas questões juntos. Então, muito obrigado pela oportunidade.

**Simba Sítói** - Quero também mencionar que o nosso Hip-Hop aqui tem uma particularidade. Não sei se foi o mesmo que aconteceu também no Brasil, mas o nosso Hip-Hop é de zonas periféricas. Começa sim em Bronx, mas

---

<sup>18</sup> Cumpre observar que não tivemos condições de aprofundar o assunto e os referidos termos não puderam ser explorados na ocasião.

o Hip-Hop em Moçambique começa da elite para os pobres. Não começa ao contrário. Não começa como começou nos Estados Unidos. Começa da elite, por quê? Porque a elite é que tinha a informação, a elite é que tinha as parabólicas, os canais internacionais, é que viam primeiro, é que tinham acesso primeiro ao mundo em relação ao jovem da periferia. Então, a elite é que gravavam as fitas cassetes em VHS e começava assim a circular, que até chegava nas periferias. É assim como começa o movimento aqui.

**William Ribeiro** - Algo que realmente é impensável no Brasil, que já tem uma diferença, a gente visualiza o movimento Hip-Hop ligado à população negra, principalmente, aos Estados Unidos, pelo protagonismo dos afro-americanos na cultura. E aqui no país, chega pelas periferias, principalmente, com muita força em São Paulo, mas também em outras regiões, inclusive no Nordeste. É pertinente saber. Você falou do festival, pode falar um pouco sobre?

**Simba Sitói** - Existe um festival aqui na África do Sul, chama-se *Back to the City*. É o maior festival de Hip-Hop em

África. Então, o festival *Back to the City* aparece como uma espécie de resposta. São jovens que criaram e deram o nome *Back to the City*, que significa "de volta à cidade", manifestado no "dia da liberdade". Então, o dia da liberdade foi o dia em que Nelson Mandela saiu da cadeia. O símbolo, o dia simbólico em que Nelson Mandela saiu da cadeia é no dia 27 de abril. Então, que é o *Freedom Day*. Um grupo de jovens começou com o conceito *Back to the City*, que significava porque as pessoas negras não eram permitidas para viver na cidade. Então, é por isso que está aí o nome de volta à cidade, que significa que a cidade já é deles, sempre foi deles, mas hoje estão a voltar para a cidade. Então, é *Back to the City*. Eu fui o primeiro artista internacional africano que participou do *Back to the City* durante talvez três, quatro anos. E com essa ligação com a África do Sul e ter de sair de Moçambique para cantar num feriado na África do Sul, tornei-me amigo do diretor do festival, que em várias conversas dizia que nós precisávamos de uma coisa, de um festival parecido em Moçambique. Mas eu sempre neguei, porque eu dizia ao meu amigo que eu não era promotor, só

artista. Eu não me via como promotor de eventos. Então, nesse processo, eu voltei para Moçambique, falei com alguns promotores, sentei com vários deles, mas todos eles recusaram fazer o festival de Hip-Hop porque diziam que não há dinheiro no Hip-Hop. Então, não viam vantagens em fazer um festival de Hip-Hop. Então, uma vez eu estava a ver um filme e um dos atores disse que às vezes tu és o messias que estás à espera. Então foi isso mesmo que me incentivou a fazer o festival. Iniciamos em 2015, tivemos a pausa durante a COVID e retornamos no ano passado.

**William Ribeiro** - Entendi.

**Simba Sitói** - Essa é a história de como foi que eu cheguei de artista para promotor. Agora, nós olhamos para o festival como uma espécie de encontro internacional. Não é necessariamente só um encontro de artistas moçambicanos. Nós sempre tivemos o sonho de ter vários artistas africanos a participarem do nosso festival. Mas, muitas vezes, com dificuldades financeiras. Nós tivemos algumas subvenções que facilitaram, por exemplo, para os americanos virem, ou para os ingleses virem, ou para... não

sei se dá para perceber. E nós trabalhamos muitas vezes com o que temos. O que nós fazemos no festival é desde performance, *workshops*, conferências, ativações. E fazemos mais...tentamos criar uma sinergia entre artistas. Criamos debates sobre como é que nós podemos usar o Hip-Hop como um veículo para melhorar e transformar aquela que é a nossa realidade para o melhor. E ano passado, nós fizemos uma conferência que foi a conferência em celebração dos 50 anos da cultura Hip-Hop. Tivemos lá artistas americanos, sul-africanos, moçambicanos. Conseguimos até trazer um dos executivos da *Def Jam [Recordings]* para fazer parte do painel. Tentamos cada vez mais mostrar aos artistas moçambicanos que podemos também criar uma sustentabilidade com a arte que fazemos.

**William Ribeiro** - Aqui no Brasil, os temas que são abordados, os assuntos que são abordados no Hip-Hop são bem variados. É até difícil você definir. Mas alguns deles percebemos que são recorrentes. O tema da desigualdade, o tema do racismo, a vida na periferia, Hip-Hop para transformar as

realidades... O que você diria que são alguns assuntos, alguns temas recorrentes nas músicas que vocês trabalham ou no evento como um todo?

**Simba Sítói** - Bom, eu acho que nós temos desde o artista de Hip-Hop que fala sobre festas, artista de Hip-Hop que fala sobre a realidade moçambicana, artista de Hip-Hop que fala sobre os sonhos. Então nós temos um bocadinho de tudo aqui. O Hip-Hop também é usado não só para falar daquilo que existe, mas também é usado para criar uma espécie de viagem, uma viagem que tu queres fugir um bocadinho da tua realidade, crias ali um "Mundo Fantástico", através do Hip-Hop e também tem artistas que falam da realidade que querem que várias coisas mudem na sociedade. E tens artistas que falam, tens mulheres que falam, direitos das mulheres tens, e rappers que falam inclusive, é, tens artistas que já tiveram na procuradoria, intimados pelo sistema, para questionar sobre as letras da música. Então, tens de vários, tens uma coisa variada em Moçambique.

**William Ribeiro** - Eh, essas letras que foram intimadas, elas tratavam de, sabe dizer, de que assunto?

**Simba Sítói** - essas letras já eram, assuntos políticos e que nós temos aqui um programa de Hip-Hop que se chama *Hip-Hop time clássico*. Hip-Hop que a maioria das músicas são mais é, a onda é, muitas músicas que passam lá o que é o apresentador do programa e o, um dos fundadores, ele é que faz, ah... como eu posso dizer? Ele é que faz a censura. Então ele determina qual é o tipo de conteúdo que passa no programa dele e tens outros programas de Hip-Hop que também a coisa é um bocadinho mais aberta, depois tens outros que a coisa é muito mais pobre em termos de, em termos de conteúdo.

**William Ribeiro** - Você falou que tinha mais ou menos uns 40 minutos, mas tem duas coisas que eu queria perguntar para você. É assim: como que você vê o Hip-Hop na relação com a educação em Moçambique? Há algum diálogo, alguma relação que possa ser estabelecida com a escola, por exemplo? Como é que você vê isso aí?

**Simba Sitói** - Bom, eh, por acaso eu estou neste momento, tenho alguma relação com a escola de comunicação e artes que é uma escola superior. Temos comunicado com o diretor e alguns docentes que eles querem mesmo introduzir várias atividades extracurriculares que têm a ver com Hip-Hop agora. Ah, também tenho uma proposta para eles de aulas com uma direção assim, do Hip-Hop, desde aulas que nós usamos, por exemplo, o próprio Hip-Hop como método de estudos. Deixar referenciar que o Hip-Hop, para mim, e particularmente, a coisa que mais, que eu mais aprendi com o Hip-Hop, e que eu acho que a maioria dos artistas aprenderam é a memória, a capacidade de memorizar várias palavras ao mesmo tempo. Então, quando estive a estudar, eu usei muito a coisa do rap para poder organizar, assim nos testes. Usei muita matéria da escola. Estudava com Hip-Hop que era pegar a matéria de história, por exemplo, pegar na matéria de geografia, ciências ou filosofia e pôr lá rimas. E tornar aquilo numa coisa, num verso ou dois ou três. Ah, para eu poder memorizar mais rápido e poder fazer o teste. Então, eu acho que há muitas outras coisas que pode-se fazer

com o Hip-Hop, do lado assim, literário. E também há muitas coisas que pode fazer com Hip-Hop, como a dança, como a pintura. E com a própria tecnologia do Hip-Hop. Eu acho que há muita coisa que pode se fazer dentro de uma faculdade. Ah, mas agora estamos num bom caminho, porque estamos a começar esta comunicação, estamos a ter aquela primeira comunicação em que podemos tentar levar algo que eles acham que é positivo e introduzir nas faculdades, para podemos criar uma espécie de um currículo. Porque a própria faculdade precisa disso, porque vários alunos são fãs do Hip-Hop, mas não tem como estudar. Eu não sei se vais perceber, então para aulas assim, já fui dar algumas palestras para alunos do direito. Já fizemos alguma coisa com a UEM [Universidade Eduardo Mondlane]. Ah, eu, Iveth e SG (artistas de Hip-Hop moçambicanos), já fizemos com a faculdade de letras. Já fizemos muitas coisas então eu acho que agora já há espaço para começarmos a introduzir isso. Por isso, já estão a acontecer conversações e eu também acho que é muito importante entrar devagar. Começamos primeiro com aquilo que chamam de *guest teaches*: é aquilo quando tu convidas um artista do

Hip-Hop, por exemplo, e ele, o próprio artista prepara-se então. Diz: “- Olha o tema é este. Como é que nós podemos fazer isto?” De uma maneira tal que os alunos possam aprender sem muita burocracia da coisa. Então eu acho que essa coisa é muito importante.

**Laís Volpe** - Simba, você falou também de duas coisas que eu queria pontuar. Você falou do seu trabalho pioneiro. Você falou do seu trabalho pioneiro. Falou também da Iveth. Aí, se você puder mencionar um pouco dessa presença, assim, feminina, no Hip-Hop moçambicano, seria massa. E também você falou da diversidade do Hip-Hop em Moçambique. E acho que outro ponto que seria massa falar é da diversidade linguística. Porque vocês fazem rap, vamos dizer Hip-Hop em inglês, em português, em changana, em ronga, em zulu.

**Simba Sítói** - em changana, em muitas línguas.

**Laís Volpe** - Enfim, acho que isso também é um ponto super enriquecedor, para o pessoal que está no Brasil perceber ...

**Simba Sítói** - Obrigado por ter mencionado isso. Na questão das músicas que são feitas em Moçambique, na verdade em África, as línguas mais faladas não são as línguas, por exemplo, de Moçambique. Nós temos a língua portuguesa como a língua oficial, mas não é a língua mais falada. Então tu tens a língua mais falada em Moçambique é a macua, é língua dos macuas que é da zona de Nampula, mas também Cabo Delgado falam muito macua. Então aqueles, as províncias com maior número populacional em Moçambique, uma delas é esta dos Macuas. Então, é isso, em cada província tem a sua língua e essas línguas também são transformadas. As que estão lá presentes nas músicas, sejam em outro estilo de música, mas também no Hip-Hop. Então, se tens um artista de Nampula que canta em português, podes ver, perceber que também outros versos não são em português. Há outros artistas que também simplesmente fazem música na língua nativa, assim, sem falar português, e são artistas também com uma popularidade muito grande. Então, eh, e depois também tens a prerrogativa de Moçambique ser um país que fala

português, mas que está cercado de países que falam inglês. Então desde a revolução que o país criou laços de irmandade com alguns países vizinhos e esses países vizinhos, que falam inglês, tinham, neste caso, por causa do ensino em inglês, o ensino britânico. E tinham mais reconhecimento no mundo e em várias universidades que corrigiam os testes em Oxford. Então vários jovens, depois da revolução, tiveram o privilégio de ir estudar em países vizinhos. Seja através de bolsas, seja porque os pais tinham melhores condições para mandar os seus filhos para ir estudar num país vizinho e é por isso que sente-se muito essa presença também inglesa nas músicas e na comunicação entre várias línguas. Inclusive em changana, que é uma das minhas línguas aqui locais. Existem muitas palavras em inglês por causa desta ligação com o mundo que fala inglês e não só também porque Moçambique é um país na costa e é um país que sempre recebeu várias e várias, assim, nacionalidades. E, desde os anos antes da Independência, nós tivemos que nos adaptar com várias, assim, nacionalidades que vinham para o porto. Vinham para baixo da cidade para trabalhar e que eram obrigados a

falar inglês, porque todos que vinham de vários cantos do mundo, tinham que ir para os restaurantes e esses restaurantes eles tinham que ter moçambicanos que falassem as línguas do mundo. Então, é assim mesmo como a língua inglesa, as línguas locais, juntamente com a língua portuguesa. Tu apanhas até este *buffet* de línguas quando ouves o Hip-Hop.

**William Ribeiro** - Simba, sobre essa questão da presença feminina, também acho que Laís tinha perguntado...

**Simba Sítói** - Eu acho que a presença feminina no Hip-Hop ainda é um desafio em Moçambique. O Hip-Hop sempre foi conotado como uma esfera, assim, masculina e tens muito poucas mulheres que se destacam em Moçambique e que fazem um trabalho excelente. São artistas que são bem reconhecidas em Moçambique, mas eu acho que ainda é um número que eu gostaria de ver muito maior. Nós temos, por exemplo, referências como a Iveth, como eu mencionei, tens a Gina Pepa, a TMRS Awage, Sista África, Leo Kid e a Filady, mas ainda acho que o universo do Hip-Hop feminino é pequeno. Eu acho que já fizemos

dentro do Festival Amor A Camisola, já fizemos uma edição a promover um concurso feminino e artistas, também a dar espaço àquelas que são reconhecidas. Ah, que são elas que quando subir ao palco, o trabalho ainda tem que ser muito bem feito. Temos que fazer mais trabalhos para convidar mais mulheres a fazerem parte de do Hip-Hop em Moçambique.

**William Ribeiro** - Você pode falar um pouco mais do Festival Amor A Camisola? E uma dúvida, em relação às línguas, você falou do inglês, das línguas moçambicanas e do português. Fiquei curioso: as línguas, elas aparecem em letras separadas ou vocês têm letras que, inclusive, misturam um momento numa língua, outro momento em outra? Porque isso acontece aqui no Brasil.

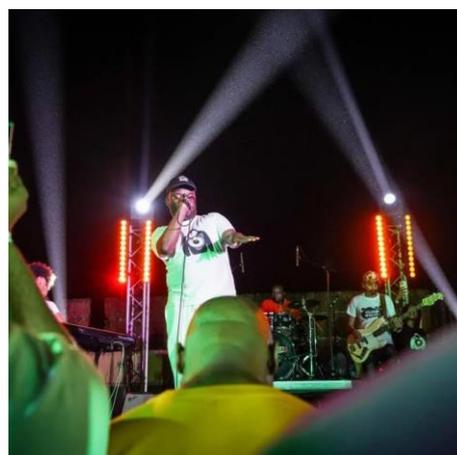
**Simba Sítói** - Mas é isso mesmo que acontece. Nós misturamos muito as línguas e tens também artistas que falam, que fazem, por exemplo, que só se expressam numa única língua, que ou é português ou é só changana, ou é ronga. Mas a maioria do Hip-Hop, assim, mais popular, é uma mistura de inglês-português.

**William Ribeiro** - E o Amor A Camisola?

**Simba Sítói** - Ele começou em 2015. Começamos em 2015 e ano passado fizemos a nossa sétima edição. Tivemos parados durante a época do COVID. Então a sétima edição foi no ano passado. Este ano [2024] teremos a oitava edição, mas ainda não temos, estamos à espera de algumas respostas para podermos ter certeza das datas.

**William Ribeiro** - vou deixar aqui minha última pergunta, e também, depois ...

Figura 2 - Simba Sítói no Festival Amor A Camisola 2023



Fonte: Instagram do artista Simba Sítói.

**Simba Sitói** - Eu queria te perguntar... também ...

**William Ribeiro** - Sim, claro...

**Simba Sitói** - Falaste de um do projeto que estás, que tu conhecestes a Laís com ele. O que o que que é esse projeto?

**William Ribeiro** - A Laís me conheceu em uma disciplina que se chama "Episteme de/ des/ pós-colonial", que é uma disciplina que trata de uma maneira mais ampla, de questões ligadas a efeitos da colonização em diversos países e as contraposições epistêmicas. Lendo teorias e textos que estão trabalhando o tema. E ela apresentou o projeto dela. Um projeto de Mestrado que está discutindo a questão LGBT em Moçambique. Inclusive, você falou da presença feminina, cabe também para a gente ouvir essa presença LGBT no Hip-Hop. Você falou que a presença feminina é um desafio. Possivelmente LGBT também. Se você quiser falar alguma coisa, e ela está tratando desse tema. Laís, se quiser falar mais alguma coisa. Então quer dizer, a gente se aproximou porque ela estava precisando de uma

orientação. Aqui no Programa a gente faz esse processo de orientação e de formação acadêmica no Mestrado. Mestrado em Cultura e Territorialidades [da Universidade Federal Fluminense]. E ela está fazendo esse trabalho aí em Moçambique, fazendo os estudos dela aí também, e construindo em outras áreas. Porque ela também trabalha com a produção cultural, com artistas e tudo mais.

**Simba Sitói** - No caso do LGBT, sinceramente, não conheço nenhum na área do Hip-Hop. Ah então, eu acho que se temos um déficit de mulheres, eu acho que LGBT também é pior, não temos mesmo.

**Laís Volpe** - Total e acho que seria massa também professor, você falar um pouco sobre o projeto dos Originais do Charme e essa sua relação, assim, com o Charme, com a dança, com Hip-Hop, que eu acho que também seria uma plataforma interessante de conectar com Moçambique.

**William Ribeiro** - Ah, muito bom Laís. E a gente faz esse movimento também, aberto, Simba, de você fazer as perguntas que você quiser, para

conhecer um pouco mais e a gente trocar ideias. Hoje, estou com 50 anos. No processo de estudar para me tornar professor universitário, fui aos pouquinhos deixando de lado a dança. E o meu envolvimento no Hip-Hop, fiquei uns 5 anos mais ou menos afastado. Com a pandemia e o movimento de "ficar em casa", com os problemas que eu tive e ligados a isso, acabei sentindo bastante, me despertando a vontade de voltar a dançar. Quando eu voltei a dançar, para minha surpresa, vi o amadurecimento das pessoas na dança. E, vi que não era o único. Que a geração que aqui no Brasil começou a dançar, e não só o Hip-Hop...antes do Hip-Hop, o Soul, o Charme, as músicas da cultura negra e a dança a partir da cultura negra aqui no Brasil, a geração estava mais madura. Então comecei a perceber que havia espaço para eu continuar a dançar. Danço Charme também. O Charme acabou sendo uma cultura carioca que surgiu nas periferias do subúrbio, principalmente Madureira. O bairro fica na Zona Norte, uma região potente da cultura negra: tem escola de samba, comércio voltado para a produção cultural e negra etc. E foi nesse espaço em que eu fui formado

como dançarino. Sempre teve espaço no Charme para o Hip-Hop, então o Baile Charme ...tem um baile aqui em Madureira que acontece nos sábados à noite, que é um espaço mesmo de produção, da música, da dança preta norte-americana e brasileira, sobretudo. Então onde se dança, onde tem formação de DJs, onde tem grupos que dançam e que criam coreografias. Tem as coreografias que já estão há dezenas de anos e que as pessoas continuam aprendendo e dançando. Aliás, o dia em que você estiver aqui no Brasil, já faço o convite para a gente ir à Madureira...

**Simba Sitói** - Eu acho que podíamos continuar a conversar num outro dia ou podemos marcar para amanhã ou... também estou interessado nesta conversa, certo?

**William Ribeiro** - Estou à disposição, vamos marcar sim para continuar e trocar contato também. Eu acho que se você me permitir eu vou passar para Laís o meu contato de WhatsApp, para a gente permanecer em contato e vamos continuar essa conversa.

RIBEIRO, William de Goes; MARTINS, Laís Volpe; SITÓI, Nelson. Sobre continuidades e descontinuidades na cultura Hip-Hop: o caso de Moçambique. Entrevista com Simba Sítói, artista de Hip-Hop moçambicano. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 15, n. 28, p.305-320, mar. 2025.

**Simba Sítói** - Eu Concordo. Eu posso mesmo, posso ligar já também para ti, certo.

**William Ribeiro** - Prazer, muito obrigado pela disponibilidade.

**Simba Sítói** - Continuemos conversando...tchau... valeu pessoal. Obrigado.